

O SERVIÇO EDUCATIVO AOS POBRES – ONTEM E HOJE

*Moysés Romero Borges Oliveira**Clóvis Trezzi***Introdução**

Este capítulo defende a ideia de que o serviço educativo gratuito aos pobres foi fundamental para o surgimento e a continuidade da existência do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, do século XVII aos nossos dias. O projeto educacional de La Salle foi gerado a partir de uma necessidade premente no seu tempo: a educação das crianças e adolescentes pobres para que estas tivessem condições de superar a situação de pobreza. Inovador para a sua época, esse modelo de escola exerceu influência no surgimento da educação moderna, como atestam Gauthier (2014) e Hengemüle (2007). João Batista de La Salle soube aliar uma necessidade do seu tempo (a educação) a uma grave problemática social (crianças e jovens desamparados).

Rememorando esse projeto histórico, queremos, neste capítulo, resgatar elementos que ainda hoje, séculos depois, são importantes na educação brasileira. Com isso, além de reconhecer a relevância histórica do fundador do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs como um dos pais da pedagogia moderna, pois “os tratados de pedagogia do século XVII nos parecem fundadores” da chamada “pedagogia tradicional” (GAUTHIER, 2014, p. 146), o capítulo traz pistas da tradição pedagógica lassalista para os desafios da pedagogia brasileira do século XXI, especialmente no que se refere à educação dos mais necessitados socialmente.

É possível associar a fundação e subsistência do Instituto ao serviço educativo gratuito aos pobres. A motivação fundacional, que nunca se perdeu, era educar cristãmente os filhos dos artesãos e dos pobres (LA SALLE, 2012d). Essa motivação inicial se atualizou em relação às novas formas de pobreza (ALPAGO, 2000). Se para La Salle, já no seu tempo, o conceito de pobreza era um tanto elástico (FIÉVET, 2001), o Instituto foi se adaptando às novas pobrezas que atingem as crianças e adolescentes dentro e fora da escola.

O objetivo deste capítulo é, resgatando a missão fundacional do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, dialogar com a realidade educacional dos pobres hoje, tendo presentes as dinâmicas de exclusão e inclusão educacional dos mesmos e invocando a importância dada por La Salle para a educação dos mais pobres e o papel da escolarização na superação da sua condição de pobreza.

Memória de um projeto educativo voltado aos mais pobres

A desesperança dos pobres em relação aos direitos sociais faz parte da história da humanidade. Se, por um lado, como humanos somos capazes de sentimentos fortes como a solidariedade e o cuidado, também somos capazes de conviver tranquilamente com a desigualdade social e suas consequências, por mais funestas que sejam.

Da mesma forma, a pobreza causada em períodos conturbados da história, seja por questões climáticas, ou então guerras ou outras situações político-econômicas, também é recorrente. Estas mesmas situações já dizimaram povos inteiros ou os condenaram à submissão por parte de governos imperialistas ou

exploração econômica. Dentro de uma sociedade, elas fazem com que pessoas que detêm o poder político e econômico vivam bem, ao passo que as que não os detêm precisem passar por privações, facilitando as violações dos direitos humanos.

Um dos direitos fundamentais da sociedade moderna é o direito à educação que, já no século XVII, era negado aos mais pobres, conforme relatado por Alpage (2000), Fiévet (2001) e Hengemüle (2007). Havia um movimento, encabeçado por Comenius (2016), que afirmava a necessidade de colocar, de forma igualitária, todas as crianças na escola. La Salle aderiu a essa ideia; na impossibilidade de colocar todas as crianças na escola, organizou, com um grupo de professores com quem se associou, a Sociedade das Escolas Cristãs, com o fim de educar os filhos dos artesãos e dos pobres (LA SALLE, 2012d).

As Escolas Cristãs se desenvolveram dentro de um período conturbado do século XVII. Diversos fatores, como problemas climáticos e questões políticas, começavam a provocar um forte êxodo rural, contribuindo para o aumento da fome e da miséria nas cidades, especialmente nos grandes centros urbanos como Reims e Paris. A fome também aumentava a população dos pobres e dos trabalhadores informais, que se tornaram o público alvo da ação educativa de La Salle e dos primeiros Irmãos (FIÉVET, 2001).

Alpage (2000) afirma que embora não formassem a maioria da população francesa, os pobres eram abundantes na França no século XVII. Os problemas da época eram agravados pelas intempéries. Invernos muito rigorosos matavam as pessoas de frio, enquanto que fortes secas prejudicavam a produção de alimentos e matavam as pessoas de fome. A maior parte da população da França nesse século era rural: segundo Poutet e Pungier (2001), cerca de 80% dos 20 milhões de habitantes viviam no campo.

Segundo Poutet e Pungier (2001, p. 40):

Para os meninos do povo, o papel social fundamental é ajudar na subsistência da vida da família através de atividade manual, requerendo força. Desde cedo, as meninas ajudarão a mãe, com várias crianças pequenas. A opinião pública, mesmo das camadas da nobreza e burguesia, censura as mulheres com pretensões de estudos.

Para esses meninos, não existiam oportunidades para frequentarem a escola e, na maioria das vezes, nem mesmo fora dela. Considerando a fragmentação da sociedade estamental francesa, os filhos dos trabalhadores, em qualquer categoria, estavam predestinados a seguir vivendo na mesma situação econômica dos pais e, por isso, aprendiam o mínimo necessário para dar prosseguimento a essas atividades. Para eles, a educação escolar não fazia nenhum sentido. O mesmo valia para os filhos das classes abastadas que, em geral, tinham dois destinos: seguir a profissão do pai ou então tornar-se padre. Como em geral a profissão dos mais abastados exigia estudos, então para estes a educação escolar estava garantida.

Embora não tivesse originalmente reconhecido em si mesmo a vocação de educador, La Salle teve contato com o mundo da desigualdade social e educacional antes mesmo de se tornar padre. Contudo, como é narrado em primeira pessoa no opúsculo *Memória dos começos* (LA SALLE, 2012c), era um mundo que não o atraía, e os professores até lhe causavam asco, pois eram, como apresentado por Gauthier (2014) e Hengemüle (2007), pessoas sem educação e que não sabiam viver e conviver nos meios sociais da aristocracia.

O primeiro contato de La Salle com o mundo da educação teve a mediação do professor Adrien Nyel, que solicitou ajuda para a organização e administração de pequenas escolas gratuitas para os meninos mais pobres de Reims. La Salle passou a ajudá-lo na implantação dessas escolas. Anos depois, quando este educador, já idoso e doente, abandonou a direção geral destas escolas, La Salle viu-se diante da necessidade de assumi-las integralmente. Isso lhe permitiu observar mais de perto a realidade dos pobres e desenvolver um projeto educacional que atendesse mais diretamente essas necessidades.

Alpago (2000) afirma que o atendimento gratuito dos filhos dos artesãos e dos pobres foi a forma encontrada por La Salle para ajudar a remediar a situação na qual eles viviam. Ainda que eles não representassem a maioria da população, eram aqueles que estavam mais abandonados, seja pela necessidade que as crianças tinham de trabalhar para ajudar no sustento das famílias, seja pela ausência de projetos políticos que os atendessem ou lhes dessem qualquer perspectiva de futuro; como exemplo, o autor cita a ausência de seguridade social e o alto peso dos impostos que sobrecarregavam artesãos e trabalhadores urbanos (ALPAGO, 2000).

Os pobres dependiam, então, da caridade de particulares ou da Igreja. Foi neste contexto que surgiram as principais congregações religiosas na França, voltadas à questão social. Se, como destaca Gauthier (2014), a preocupação com a função social da educação já existia, essa preocupação se estendia também para outros setores, como a saúde. Fruto da nova compreensão da Igreja Católica, de que a responsabilidade pela salvação estava para além da salvação da alma, leigos, religiosos e sacerdotes, dentre os quais La Salle, se destacaram no movimento fundacional de Institutos religiosos voltados a atender especialmente a camada mais pobre da população.

Experiência de associação para o serviço educativo dos pobres

Dentro da lógica de que a educação dos pobres é necessária para que eles estejam “aptos a um emprego” e sejam “capazes de tudo” (LA SALLE, 2012b [GE 16,2,21], p. 197), um aumento no número de pobres significa também um aumento na demanda por salas de aula. Essa passou a ser a compreensão moderna de educação, especialmente com os projetos republicanos que preveem educação básica para todos, de forma indistinta. No Brasil, a garantia da democratização do acesso à escola só se deu, incrivelmente, a partir de 1996, com a Lei 9394/96, embora este direito já fosse garantido por força de lei muito antes disso.

A necessidade de escolas para os mais pobres era grande em Reims na segunda metade do século XVII, talvez maior do que Nyel e La Salle imaginavam. Em 1679, foi inaugurada na cidade de Reims a primeira escola fundada por Adrien Nyel na paróquia de São Maurício, financiada pelo pároco Nicolás Dorigny. No mesmo ano, a segunda escola iniciou as atividades na paróquia de Saint-Jacques. A terceira escola foi aberta no ano 1680 na paróquia de Saint-Symphorien, todas por mediação de Adrien Nyel, conforme relatado por Hengemüle (2007).

La Salle tinha consciência de qual deveria ser o público-alvo de sua ação educativa: os filhos dos artesãos e dos pobres que, naquele ambiente, tinham poucos direitos sociais. Hengemüle (2007) relata que naquele século acreditava-se piamente que os trabalhadores não deveriam estudar, pois do contrário tomariam consciência de sua realidade de exploração. Esse pensamento era corrente tanto entre os políticos quanto entre a população em geral. Tanto que no Guia das Escolas Cristãs, La Salle (2012b, p. 186-197) diz que uma das tarefas dos professores era convencer os pais de que a educação era necessária.

Bédel (1998) define os pobres dessa época como pessoas sem recursos assegurados, mas que se beneficiavam da assistência da população por meio de ações de caridade, o que os diferenciava dos mendigos e vagabundos. Havia, também, os artesãos, definidos por Bédel (1998) como aqueles que viviam sobretudo nas cidades e exerciam numerosos ofícios. Alguns deles, por vender sua produção (os padeiros, por exemplo), se assemelhavam aos comerciantes.

Já para Fiévet (2001), a gama dos pobres era maior. Ao falar dos filhos dos pobres, La Salle tinha em mente, entre outras, as seguintes situações: crianças cujos pais e mães trabalhavam o dia todo fora e não

tinham tempo para cuidá-los; crianças de famílias que não podiam pagar a escola; filhos de trabalhadores manuais, de artesãos sem qualificação ou prestes a perdê-la; crianças de má reputação das periferias, não aceitas por ninguém, por serem julgadas como miseráveis; crianças saídas do hospital geral (casa de acolhida para crianças abandonadas); crianças que procuravam assistência em períodos de fome.

Fiévet (2001) aponta para o fato de La Salle falar sempre de artesãos e pobres, e as duas categorias aparecerem sempre juntas, mas ao mesmo tempo separadas (filhos dos artesãos e dos pobres) demonstra que os artesãos não eram necessariamente pobres. O autor explica: eles não eram simplesmente operários, mas possuíam independência no que se refere ao trabalho. Os operários não eram qualificados, já os artesãos possuíam reconhecimento pela sua obra. Ambos, porém, trabalhavam em tempo integral para ganhar seu sustento, não tendo condições de educar os próprios filhos. Daí a importância, encontrada por La Salle, de dar-lhes a necessária educação.

Em 1685, quando La Salle assumiu integralmente a direção do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, o projeto educativo já estava em processo de organização. Em um determinado momento, querendo estar mais próximo aos professores, La Salle decidiu reuni-los na sua casa. Depois de um ano, João Batista decidiu abandonar a casa paterna para formar comunidade com os professores em uma residência específica para esse fim. A partir daí os professores passaram a viver em comunidades de, no mínimo, três, sempre junto às escolas, e passaram a ter uma vida em comum, compartilhando dos mesmos espaços e das mesmas atividades, com um regulamento específico.

Esta foi a primeira experiência daquilo que depois se chamou de associação: a formação de uma “comunidade de mestres” (BÉDEL, 1998, p. 40), no qual La Salle e os professores viviam organizados em torno de um ideal comum que era a educação dos pobres. Surgia, assim, a Sociedade das Escolas Cristãs, composta por La Salle e os primeiros educadores, que foi fundamental para garantir a rápida expansão das escolas.

Os professores passaram a se chamar “Irmãos” e a usar um hábito religioso, diferente da túnica usada pelos professores leigos. Um pequeno grupo de diretores, ao final da assembleia anual de 1686, fez o voto religioso de obediência e, em 1694, todos os Irmãos tiveram a possibilidade de fazer os votos de Associação para o serviço educativo dos pobres e de Estabilidade no Instituto, ficando, assim, estruturado o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs.

O próprio La Salle não foi apenas organizador do projeto, mas atuou frequentemente em sala de aula, na maioria das vezes como substituto. Essa experiência foi importante para que ele pudesse conhecer as realidades concretas do cenário escolar e os desafios encontrados pelos primeiros Irmãos.

A novidade da escola a serviço dos pobres

A educação das Escolas Cristãs foi inovadora. Embora o processo de renovação pedagógica não tenha iniciado especificamente com La Salle, mas já houvesse outras iniciativas coordenadas por Vincent de Paul, Démia, Barré, Batencour, entre outros, é possível afirmar que La Salle desenvolveu um método que era funcional e serviu especialmente para atender bem ao público-alvo da proposta pedagógica Lassalista (FIÉVET, 2001).

O projeto educativo da escola lassalista era organizado e consistente. Isso soa como novidade em um período no qual, segundo Gauthier (2014), ainda não se pensava a escola para alfabetização e ensino inicial de forma pedagógica, ou seja, organizada e metódica. É bem verdade que ainda na primeira metade do século

XVII Jacques de Batencour já tinha escrito um tratado sobre as escolas paroquiais (*L'École Paroissiale*), que se aproxima muito do estilo adotado por La Salle e os primeiros Irmãos na elaboração do *Guia das Escolas Cristãs*. Contudo, o projeto de La Salle orientava e respondia às inquietações encontradas no cotidiano da prática escolar nos processos de ensino e aprendizagem.

La Salle foi um homem do seu tempo, que teve a sensibilidade de dar uma resposta criativa a uma necessidade educacional específica. Como um elemento central do seu projeto educativo está o acesso gratuito à educação de qualidade e a defesa da universalidade de acesso. Nisso também ele não foi inédito, pois a ideia já havia sido desenvolvida anteriormente por Comenius (2016). Contudo, a organização teórica e prática da escola tendo um público-alvo específico, mas não restringindo o acesso a um único estamento social, questionou a ordem aristocrática e eclesiástica estabelecidas. Daí a preocupação com o ensino no idioma vernáculo e com o ensino dos valores cristãos e das boas maneiras. A escola passou a ser um lugar que prepara uma pessoa “capaz de tudo” (LA SALLE, 2012b [GE 16,2,21], p. 197).

A organização da escola era levada muito a sério, tanto nos relacionamentos interpessoais como no aprendizado. Uma das máximas de La Salle era o desejo de que a escola fosse bem, como podemos encontrar em duas de suas cartas: “Tenha cuidado para que a escola funcione sempre bem” (LA SALLE, 2012a [C 57,12], p. 159) e “Estou muito feliz por sua escola ir bem e você estar com suficientes crianças. Tenha cuidado de instruí-las bem” (LA SALLE, 2012a [C 58,20], p. 161).

Para La Salle, o processo educativo precisava atender igualmente professores e alunos. Embora estes últimos tivessem participação ativa na vida da escola, os professores também estavam no centro da vida escolar, pois organizavam todo o processo pedagógico, além de acompanharem a vida e o crescimento dos alunos e de serem, igualmente, acompanhados e respeitados na sua individualidade. Assim, uma boa formação dependia principalmente de professores competentes e bem preparados. E a escola estava pensada para atender a essa demanda. Trezzi e Oliveira (2017, p. 7) afirmam que “o compromisso que La Salle quer assumido é o de que a tarefa educativa seja cumprida com êxito e excelência” e que “os professores são guias que têm a missão de proporcionar aos alunos não somente o conhecimento científico, mas também de ensinar a grandeza de ser humano”.

De acordo com Oliveira (2011, p. 81-82), “o professor entende que a profissão de ensinar não é uma busca da própria glória, prestígios, vantagens, mas sim, como ministério” e continua: “a proposta educativa em La Salle está vinculada à ética, à estética e à moral; quando é olhada em sua totalidade”.

Ao despontarem como novidade, as Escolas Cristãs também se posicionaram na sociedade como um elemento agregador. O uso das tecnologias educacionais é parte da identidade da educação pensada a partir da pedagogia de La Salle. Fiévet (2001) destaca que, além das tecnologias, as Escolas Cristãs eram respeitáveis, bem estruturadas e se destacavam por serem espaços de liberdade, por bem ensinarem a língua francesa e por serem coletivas e gratuitas.

O feito chama a atenção por serem as escolas destinadas a camadas pobres da população e, portanto, com menos recursos que as escolas pagas. Dessa forma, La Salle consolidou a ideia de que não deve haver diferença entre as escolas pagas e as gratuitas.

A educação lassalista a serviço dos pobres

Uma das características da pedagogia das Escolas Cristãs era a capacidade de se adaptar às distintas realidades e necessidades sociais, além de também conectar-se às novidades pedagógicas. Sauvage (2001) caracteriza as fontes de La Salle como “eccléticas”. Este foi um dos motivos que fez com que essa pedagogia

sobrevivesse aos séculos e se adaptasse nos diversos continentes, atualizando a compreensão de pobreza e absorvendo o que se produz como novos conhecimentos pedagógicos.

A necessidade de educação aliada à perpetuação da pobreza contribuiu para que as Escolas Cristãs subsistissem aos séculos. Se, por um lado, elas cumpriram seu papel na formação de sujeitos que se dispuseram a enfrentar a realidade na qual se viram inseridos, por outro lado as desigualdades seguiram coexistindo e empurrando mais pessoas para a pobreza. Por isso mesmo, a acolhida dos pobres na escola segue sendo de “grandíssima necessidade” (LA SALLE, 2012d [RC 1,4], p. 18).

Para compreender as pobreza dos nossos dias, é necessário ter em mente que “a medida da pobreza é dada antes de mais nada pelos objetivos que a sociedade determinou para si própria” (SANTOS, 2009, p. 18). Isso significa que não necessariamente as pessoas que eram consideradas pobres para La Salle poderiam ser consideradas pobres hoje, “A única medida é a atual, dada pela situação relativa do indivíduo na sociedade à qual pertence” (SANTOS, 2009, p. 18).

Dados da Unicef⁴⁵ mostram que em 2021 pelo menos um bilhão e cem milhões de crianças sofriam algum tipo de privação no mundo, dez por cento delas por causa da pandemia de Covid-19. Por comparação, é como se a miséria atingisse 1,8 crianças por segundo ao longo dos dois anos de pandemia. Nesse ano, aproximadamente 10% da população mundial vivia em situação de pobreza. No Brasil, o Dieese⁴⁶ - Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Econômicos – aponta que no final de 2020 cerca de 50% da população convivia com algum tipo de insegurança alimentar, enquanto que aproximadamente 25% não tinha alimentos suficientes e cerca de 15% enfrentava a fome. Em 2021, o aumento nesses índices foi de 9%.

Esses elementos mostram que, como afirma Santos (2009), os dados sobre pobreza não são estanques, bem como as suas causas. Já no século XVII francês, período da fundação das Escolas Cristãs por La Salle, o contexto social era bastante frágil, e as situações de pobreza eram muitas. A fundação das Escolas Cristãs coincidiu com um momento importante de crise.

Nas *Regras Comuns dos Irmãos das Escolas Cristãs*, La Salle afirma:

Este Instituto é de grandíssima necessidade, porquanto, sendo os artesãos e os pobres ordinariamente pouco instruídos, e estando ocupados todo o dia em ganhar o sustento próprio e dos filhos, não lhes podem dar, por si mesmos, as instruções de que necessitam e educação adequada e cristã (LA SALLE, 2012d [RC 1,4], p. 18).

Essa “grandíssima necessidade” se atualiza, de alguma forma, na ideia freiriana de que “A realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele o pode fazer” (FREIRE, 1977, p. 48). Esta frase pode ecoar a compreensão de La Salle de que “é preciso fazer-lhes ver [os pais] o importante que é, para um artesão, saber ler e escrever, pois, por pouco inteligente que seja, sabendo ler e escrever, é capaz de tudo” (LA SALLE, 2012b [GE 16,2,21], p. 197).

Trezzi (2018) considera a pedagogia lassalista como uma estética da inclusão que se contrapõe à estética da exclusão reinante no século XVII. A exclusão se configura na ideia de que os pobres não precisavam nem deviam estudar (HENGEMÜLE, 2007, p. 21), à qual La Salle se contrapõe dizendo que eles, se não forem à escola, “praticamente nunca serão aptos a emprego nenhum, por não saberem ler ou escrever.” (LA SALLE, 2012b [GE 16,2,21], p. 197).

45 Dados disponíveis em: <<https://news.un.org/pt/story/2021/12/1773092>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

46 Dados disponíveis em: <<https://www.dieese.org.br/boletimdeconjuntura/2021/boletimconjuntura29.html>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Atualmente, a noção de pobreza se tornou mais fluida, envolvendo diversas áreas do social que não apenas a econômica. Sen (1992), por exemplo, desenvolve a ideia da “privação de capacidades”. Ele fala sobre a “falta de realização de certos funcionamentos de base e da aquisição das capacidades correspondentes: uma pessoa é pobre se carece da oportunidade de atingir alguns níveis minimamente aceitáveis destes funcionamentos” (SEN, 1992, p. 109). Um conceito mais amplo, mas ao mesmo tempo bem específico, pode ser encontrado em Lavinias (2003, p. 30): “um estado de carência, de privação, que pode colocar em risco a própria condição humana”.

Ambos os conceitos podem ser considerados na perspectiva de necessidades humanas. Ao se considerar a compreensão de Sen (1992), a ideia de pobreza ligada à falta de oportunidades pode ser lida na mesma ótica pela qual La Salle leu o mundo à sua volta no seu tempo. As duas ideias aparecem interligadas; quando afirma que dificilmente um analfabeto estará apto para algum emprego, há um questionamento sobre a sua condição humana.

Pode-se compreender, portanto, que a proposta pedagógica de La Salle se adapta às diversas pobreza e desigualdades atuais. A desigualdade educacional e, mesmo, a privação do direito de estudar⁴⁷, recorrente no Brasil (TREZZI, 2021), e que se intensificou durante a pandemia de Covid-19, tendem a aumentar as situações de pobreza e as desigualdades sociais. Nesse contexto, é oportuno o pensamento de La Salle (2012b) de que é necessário que a criança pobre saiba ler e escrever para que possa estar apta para um emprego. A intuição de La Salle de que a educação é necessária para a superação da pobreza e recuperação da dignidade humana é importante para nossos dias.

Considerações finais

É evidente que as escolas de La Salle nunca foram escolas públicas, no sentido republicano do termo; é também evidente, diz Alpagó (2000) que La Salle e seus Irmãos viam nas escolas gratuitas um serviço público, pois ofereciam à população educação gratuita com o apoio das autoridades.

No contexto atual, as escolas lassalistas, que continuam prestando um serviço público, têm o desafio de trabalhar pela justiça educacional. O senso de desigualdade social, e conseqüente injustiça e privação de direitos, tende a aumentar em períodos de crise. Além da crise provocada pela pandemia, há outras provocadas especialmente por questões econômicas e políticas, com as quais é preciso conviver e contra as quais é preciso lutar.

A pandemia de Covid-19 acelerou o processo de implantação das tecnologias educacionais disponíveis na atualidade, o que facilitou o acesso às aulas por todos os estudantes em idade escolar. Por outro lado, em muitas regiões do Brasil não se considerou a desigualdade de acesso a essas tecnologias (TREZZI, 2021), o que afastou e segue afastando crianças e adolescentes em idade escolar das salas de aula.

A adaptação às inovações educacionais, buscando estudar e compreender as ferramentas tecnológicas e aprofundando nas pedagogias ativas em vista de proporcionar uma educação mais diversificada e inclusiva, se faz necessária, especialmente porque a desigualdade de acesso às tecnologias atinge também os professores. Estes precisaram se reinventar para atender às necessidades do aluno no ensino remoto. Buscando a

47 Não se pode confundir com o direito legal de estudar. Quando se fala aqui em “privação do direito de estudar” se quer mencionar a dificuldade, ou mesmo impossibilidade, que os mais pobres têm de acessar a escola ou nela permanecerem, apesar de o direito subjetivo à educação estar afirmado na Constituição Federal de 1988 e reafirmado no Estatuto da Criança e do Adolescente.

criatividade, além de criar, criarem o ambiente na casa que proporcionassem ao aluno uma atenção maior diante da câmera, o aluno e os seus pais e ou responsáveis precisaram aprender como lidar nesse processo de formação, abrindo uma gama de possibilidades e uma adaptação ao ensino a distância.

O arquétipo de aprendizagem presencial, dentro de uma sala de aula, com mesas e as cadeiras ordenadas, não é mais o único meio capaz de prover a educação necessária para o aluno. O modelo remoto veio para ficar e tem se mostrado capaz de contribuir para a formação do estudante tanto quanto o modelo presencial.

Para Freire (1989), a leitura da palavra é precedida pela leitura do mundo. Esse pensamento remete não somente ao aluno, mas também, como na pedagogia de La Salle, aos professores, gestores, coordenadores, pais, ou seja, toda a comunidade escolar. Fazer a leitura do mundo pós-pandemia não será fácil, pois todo o vivenciado, neste período, pode cair na mesmice do esquecimento e tudo voltar ao que era antes. Cabe à escola, com suas lideranças olhar a realidade como novos desafios, e não ficar pensando pequeno, no que já passou e sim olhar a realidade com novas perspectivas e com soluções práticas. Deve-se reaprender a pensar, aprimorar a capacidade de metamorfosear e de reinventar a prática pedagógica, descobrindo soluções viáveis e adequadas para os problemas existentes, levando à capacitação da equipe. Desse modo, todos constroem conhecimentos devido a relações estabelecidas entre os conhecimentos existentes acerca do que está sendo aprendido.

Na história do Instituto dos irmãos das Escolas Cristãs, os lassalistas são chamados a assumir a posição de investigadores, com vistas a contribuir, assim, à continuidade da aprendizagem, provocando a olhar a realidade existente de cada época e impulsionando olhar crítica e reflexivamente, rompendo com a estagnação ou até mesmo redução do processo, porque a educação abre caminhos para novas aprendizagens.

Referências

- ALPAGO, B. **El Instituto al servicio de los pobres**. Roma: Hermanos de las Escuelas Cristianas, 2000. Col. Estudios Lasalianos.
- BÉDEL, H. **Orígenes 1651-1726**: Iniciación a la historia del Instituto de los Hermanos de Las Escuelas Cristianas. Roma: Hermanos de las Escuelas Cristianas, 1998.
- COMENIUS, J. A. **Didática Magna**. 4. ed., São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.
- FIÉVET, M. **Les enfants pauvres à l'école**: La revolution scolaire de Jean-Baptiste de La Salle. Paris: Imago, 2001
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- GAUTHIER, C. O século XVII e o nascimento da Pedagogia. In: GAUTHIER, C.; TARDIF, M. (Orgs.). **A Pedagogia**: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 101-127.
- HENGEMÜLE, E. **Educação lassalista**: que educação? Canoas: Salles, 2007.
- LA SALLE, J. B. **Cartas**. Canoas: Unilasalle, 2012a. Coleção Obras Completas de São João Batista de La Salle – vol I.
- LA SALLE, J. B. **Guia das Escolas Cristãs**. Canoas: Unilasalle, 2012b. Coleção Obras Completas de São João Batista de La Salle – vol III.

LA SALLE, J. B. **Memória dos Começos**. Canoas: Unilasalle, 2012c. Coleção Obras Completas de São João Batista de La Salle – vol I.

LA SALLE, J. B. **Regras Comuns dos Irmãos das Escolas Cristãs**. Canoas: Unilasalle, 2012d. Coleção Obras Completas de São João Batista de La Salle – vol II-A.

LAVINAS, L. Pobreza e Exclusão: Traduções Regionais de duas Categorias Práticas. **Revista Econômica**. Niterói: UFF, v. 4, n. 1, p. 25-59, 2003.

OLIVEIRA, M. R. B. Educação Estética e Fotografia na Formação de Professores em nível do ensino médio: a relevância das contribuições de Adorno e Freire. **Dissertação** (Mestrado em Educação). São Paulo, SP, Universidade Cidade São Paulo, 2011.

POUTET, Y.; PUNGIER, J. **La Salle e os desafios de seu tempo**. Tradução: Henrique Justo. Canoas: La Salle, 2001.

SANTOS, M. **A pobreza urbana**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SAUVAGE, M. **Juan Bautista de La Salle y la fundación de su Instituto**. Roma, Itália: Maison Jean-Baptiste de La Salle, 2001. Col. *Cahier Lassalien*, n. 55.

SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

TREZZI, C. A educação pós-pandemia: uma análise a partir da desigualdade educacional. **Dialogia**, São Paulo, n. 37, p. 1-14, e18268, jan./abr. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/18268/8843>>. Acesso em: 02 fev. 2022.

TREZZI, C. Da experiência estética à estética da inclusão na pedagogia de La Salle: um referencial teórico para analisar a crise da educação brasileira. 212f. **Tese** (Doutorado em Educação). Canoas: Universidade La Salle, 2018. Disponível em: <<https://dspace.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/1188/1/ctrezzi.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2022.

TREZZI, C.; OLIVEIRA, M. R. B. O Guia das Escolas Cristãs na Perspectiva do Cuidado. *In: 2º Congresso Educativo Lasallista Latinoamericano*. León – Guanajuato, México, 2017. v. Único. p. 277-285. Disponível em: <<http://cell.delasalle.edu.mx/ponencias/MemoriasCELL2017.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2022.